

A velha contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou:

— Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

— É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

— Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

— Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

— Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

— O senhor promete que não “espaia”? – quis saber a velhinha.

— Juro – respondeu o fiscal.

— É lambreta.

(Stanislaw Ponte Preta)



01. O que o autor quis dizer com a expressão “tudo malandro velho”?

02. Explique com suas palavras qual foi o truque da velhinha para enganar o fiscal.

03. Quando a velhinha decidiu contar a verdade?

04. Qual é a grande surpresa da história?

05. Indique a ordem correta das frases abaixo, observando a ordem dos acontecimentos.

(A) O fiscal verificou que só havia areia dentro do saco.

(B) O pessoal da alfândega começou a desconfiar da velhinha.

(C) Diante da promessa do fiscal, ela lhe contou a verdade: era contrabando de lambretas.

(D) Todo dia, a velhinha passava pela fronteira montada numa lambreta, com um saco no bagageiro.

(E) Mas, desconfiado, o fiscal passou a revistar a velhinha todos os dias.

(F) Durante um mês, o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

(G) Então, ele prometeu que não contaria nada a ninguém, mas pediu à velhinha que lhe dissesse qual era o contrabando que fazia.

06. Reescreva o texto “O assassinato da ortografia” corrigindo os erros de ortografia.

O assassinato da ortografia

No meu café da manhã, tinha sobre a meza, queijo, presunto, mortandela, matega, saucinha e iogute natural.

Mas o café estava sem açúcar e eu presizo de uma colher para mecher o café. Era tanta coisa que não sobrava espaso na meza.

Liguei a televisam e estava paçando o “Bom Dia São Paulo”, onde mostrou como se comstrói o espaso geográfico. Os home construíndo nos morros, as caza de simento e maderá.

Mostrou que o alco é um produto estraído da canha de açúcar e a gazolina do petrólho e...

Desliguei a televisam, vesti uma calsa de lam, uma brusa e uma camiza por sima (o tecido da minha camiza é muito bonito) e fui andar de bicicleta.

Não intendo nada de matemática, mas em português eu sou “fera”.